

# Interferências fonológicas em textos escritos de alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental

Jany Éric Queirós Ferreira\*

Carlene Ferreira Nunes Salvador\*\*

## Introdução

A criança, ao iniciar o processo de escolarização, já domina a língua falada e traz consigo marcas de sua variedade dialetal. No entanto, ao entrar em contato com a escrita ela precisa adequar-se às exigências desta modalidade da língua, não sendo esta uma tarefa fácil, principalmente no que tange à ortografia.

Aspectos da heterogeneidade da língua portuguesa que se refletem no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo da escrita, a fim de esclarecer que determinados equívocos ortográficos cometidos por alunos e considerados “erros” são, na verdade, marcas da fala que evidenciam certos fenômenos da variação fonética, e por isso necessitam de ser tratados de forma apropriada pelo professor, a fim de auxiliar os alunos a adequarem-se às exigências da modalidade escrita da língua.

O conflito social existente entre as variedades de uma mesma língua e, ao mesmo tempo, o conflito social que se estende à relação língua/fala, segundo Matos e Silva (2003) avança cada vez mais em sociedades consideradas letradas. Ao relacionar língua/fala não se pode minimizar a problemática gerada em torno da variação

---

\* Docente Adjunto da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutor e Mestre em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduado em Letras Português pela Universidade da Amazônia e em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia, e em ensino-aprendizado do português. Atua principalmente nos seguintes temas: sociolinguística, variação linguística, fonética e fonologia, ensino e política linguística, crenças e atitudes linguísticas.

E-mail: jany.ferreira@ufra.edu.br

\*\* Docente do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutora e Mestra em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará. Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: carlene.salvador@ufra.edu.br

linguística que diz respeito não somente aos aspectos relacionados à fala, mas nas suas consequências em relação ao ensino da escrita, uma vez que muitos fenômenos típicos da variação linguística aparecem na escrita, conforme atestam Lemle (1987), Câmara Jr. (1957), Paiva (1984 apud MATOS E SILVA, 2003, p. 60).

A escrita, portanto, não está imune à variação linguística, e apesar de apresentar diferença em relação à fala, em muitas situações tende a apresentar traços desta. Mesmo sendo “[...] fala e escrita, duas modalidades da língua” (KOCH, 2009, p. 14) não devemos entendê-las de forma dicotômica, posto que as diferenças entre elas se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais, e não na relação dicotômica de dois polos opostos como se pensava, afirma Marcuschi (1995).

Tendo em vista questões relacionadas à materialização de aspectos orais em produções textuais escritas, objetiva-se com este capítulo apresentar e analisar manifestações linguísticas orais que resvalam em produções escritas de alunos de uma escola pública no município de Aurora do Pará/PA. Para tanto, o estudo realizado utilizou-se de pesquisa exploratória e análise qualitativa de 10 textos escritos de alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental.

Com vistas à organização, este capítulo está distribuído em seções distintas e complementares, iniciando com a Introdução. Na primeira seção, apresenta-se um apanhado dos quatro fenômenos linguísticos abordados. Na segunda seção, aborda-se a escrita e o papel da escola. Na terceira parte, a Metodologia empreendida para a constituição da amostra. Na quarta, apresentam-se os resultados e a discussão dos principais elementos encontrados. A quinta seção, volta-se para o olhar das professoras entrevistadas e como suas práticas educativas impactam a formação de seus alunos. Finalizamos com as considerações finais e as referências que ancoram a pesquisa.

## Fenômenos Linguísticos

A regularidade de uma língua se manifesta em diferentes níveis. Quando observamos o português, por exemplo, em nível sintático a ordem canônica considerada é Sujeito + Verbo + Complemento ou simplesmente, SVO. Em nível morfológico, a distribuição de morfemas ocorre, não exclusivamente, mas especialmente pela ordem radical + complemento, havendo a possibilidade de acréscimos de diferentes aspectos, tais como: prefixo + radical + complemento; radical + sufixo, dentre outras possibilidades. Em nível fonético-fonológico, as alterações são perceptíveis quando se considera, por exemplo, acréscimos, supressões e alterações no interior de itens lexicais compartilhados regularmente entre indivíduos de uma dada comunidade de fala.

No entanto, há manifestações nas línguas, sejam elas de natureza oral ou escrita, que evidenciam processos de variação linguística. Por ser um dos níveis mais suscetíveis a variação, o nível fonético oferece uma lista de fenômenos que circundam as produções orais e escritas dos falantes. Nesse sentido, observa-se o deslocamento dentro de um *continuum*, de elementos caracterizadores da fala que também se manifestam em contexto escrito. Para evidenciar tais fatores, elegemos para a realização deste estudo quatro fenômenos de ordem linguística, quais sejam: apagamento do /r/ final, ditongação, juntura e monotongação presentes em textos escritos de alunos. A respeito das características de cada um desses processos, destacamos a seguir.

## Apagamento do /r/ final

Lindblom (1963) descreve o apagamento do /r/ pela teoria da dispersão. Nas palavras do autor, trata-se de “[...] alternância [...] pelo maior espaço articulatório disponível para as múltiplas realizações dos segmentos fônicos, uma vez que o contraste existente em posição intervocálica se anula naquele contexto, acarretando uma latitude articulatória mais ampla”. Em termos gerais, o contexto da fronteira de sílaba favorece o apagamento do referido fonema.

Acerca do estudo do apagamento do fonema /r/ em coda silábica, ele tem sido amiúde realizado por pesquisadores brasileiros. Nesse rol, podemos citar os trabalhos de Callou (1987), D’arc (1992), Bagno (1997), Callou *et al.* (1998) e Oliveira (2001). Nesses estudos, os autores relatam a tendência da consoante /r/ em sofrer apagamento quando localizada em coda silábica, especialmente em fronteira de palavra. Em seu livro *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, Bagno (1997, p. 233) cita exemplos de palavras em que esse processo pode ocorrer, são elas: amor > amôØ, cor > côØ, dor > dôØ, flor > frôØ e mulher > muiéØ, além de apagamento em verbos como haver > havêØ, nascer > nacêØ, e explicar > ispricáØ.

Quando observado pela perspectiva da modalidade escrita, o mesmo fenômeno pode ser verificado em textos de alunos que realizam, assim como na oralidade, o apagamento dessa consoante, sendo mais comum na categoria dos verbos (amar > amaØ; matar > mataØ; correr > correØ), mas ocorrendo também em substantivos (amor > amoØ)

Desta forma em nível fonético, o apagamento do /r/ é quase imperceptível. Porém, em nível escrito, esse mesmo processo coloca em evidência traços socialmente distintos, sobretudo quando se considera a profissão e o nível de escolaridade dos falantes.

## Monotongação de /ow/ por /o/

A monotongação consiste na transformação de dois sons em um único som. Cristófarro Silva (2011, p. 153) define monotongação como o “[...] fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. A monotongação ocorre, em português, com ditongos crescentes, como, por exemplo, em l [ow] co > l [o] co”. Por sua vez, Câmara Jr (2009) define o mesmo processo como

[...] mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo (v.) a uma vogal simples. [...] Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda realiza numa linguagem cuidadosa. Entre nós, há nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e aí /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante; exs.: (p) ouca como (b)oca, (c)aixa como acha, (d)eixa como fecha (CÂMARA JR, 2009, p. 211).

Como visto, diferentes autores oferecem suas definições para o fenômeno da transformação de um ditongo em um monotongo, o qual ocorre no português desde o latim, tal como afirma Dubois et al. (1997). Palavras como *pena*, *céu*, *ouro*, chegaram até nós a partir de processos, também, de monotongação: /poenam/ > /penan/ > /pena/; /kaelum/ > /kelum/ > /céu/; /aurum/ > /orum/ > /ouro/ > \*/oro/. Trata-se de fenômeno comum na fala e se evidencia na oposição entre /ey/ e /e/; /ay/ e /a/, /ow/ e /o/.

Da mesma forma que se manifesta em produções orais, a monotongação aparece em textos escritos. No que diz respeito aos textos analisados para neste estudo, a forma encontrada está presente em ditongos formados por /ow/ que se desfazem e assumem a configuração da vogal /o/.

## Juntura fonológica

Cristófarro Silva (2011) em seu Dicionário de Fonética e Fonologia, define juntura como

[...] contexto de transição entre domínios. Pode envolver sí; abas, pés métricos, morfemas, palavras ou sentenças. Vários fenômenos fonológicos ocorrem nesse contexto em português. Por exemplo, o Vozeamento das sibilantes em juntura de morfema como em (mês + es) = me [z] es, ou em juntura de palavras como em (mês+atrasado) mê [z] atrasado (CRISTÓFARO, 2011, p. 138).

Assim, a juntura ocorre tanto em nível de morfema, quanto de palavra. No *corpus* analisado, a junturas encontrada se manifesta por meio do segundo grupo, mais especificamente entre os constituintes da locução de *repente* > *derrepente*.

## Ditongação

A ditongação ocorre a partir da transformação de um som em dois outros segmentos. Cristófaros Silva (2011, p. 93) descreve esse processo como “Fenômeno fonológico em que uma vogal simples, ou monotongo, passa a ocorrer como um glide, ou seja, perdendo a propriedade de ocupar o núcleo silábico”. Assim, uma palavra como *aliás* pode assumir a forma *aliáís*, assim como a palavra *boa* > *boua*.

De acordo com Aragão (1991) a ditongação é produtiva em diferentes textos, sobretudo aqueles produzidos por crianças em período inicial de aquisição da escrita. Em nossa amostra, assim como os demais casos observados, a ditongação aconteceu em palavras como: *advogado* > *adivogado*, *fez ? feiz*, dentre outros exemplos.

Como visto, os quatro fenômenos listados podem ser encontrados tanto em falas quanto em textos escritos, o que conduz a escola a não desconsiderar tais manifestações, uma vez que esses processos revelam além de um ponto frágil da escolarização, a propensão ao preconceito linguístico por parte de quem produz tais ocorrências.

Acerca desse assunto, a próxima seção mostra o papel da escola nas produções escritas.

## A escrita e o papel da escola

Ao tratar da modalidade escrita, Antunes (2003) aponta fatores que são cometidos pela escola que favorecem uma aprendizagem da linguagem ao contrário, ou seja, a linguagem que não diz nada. A autora salienta que em muitas escolas as práticas de escrita têm sido artificiais e inexpressivas, afastando os alunos daquilo que eles fazem naturalmente que é usar a linguagem de forma interativa. Tal opinião é convergente com Neves (2006), que declara ser papel da escola prover nas suas atividades de língua escrita uma situação real, uma situação de vida condicionando o uso linguístico.

Salim e Silva (2005) afirmam que grande parte do problema é de ordem pedagógico-didática. Para elas, as escolas brasileiras precisam avançar, mudar de postura, alterar suas práticas, para que de fato possam proporcionar práticas adequadas que conduzam o aluno a apresentar uma escrita eficaz.

No que tange a essa temática, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), especialmente os de Língua Portuguesa, indicam que o ensino de língua portuguesa deve favorecer ao aluno a ampliação de sua competência linguístico-estilística, sendo esse aluno, ao final do ensino básico, apto a fazer uso da linguagem em diferentes situações de interlocução oral e escrita.

Decorre da indicação dos PCN (BRASIL, 1998) o papel fundamental do professor bem qualificado para auxiliar a criança no processo de escrita. Koch e Elias (2009) esclarecem que na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito procedimentos que está acostumada a utilizar na fala. Somente com o tempo e com intervenção contínua, aí entra o papel da escola, mais especificamente do professor, é que a criança vai construir seu modelo de texto escrito. Portanto,

É possível desenvolver um trabalho que permita ao aluno descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre a fala e a escrita, as restrições que o contexto impõe ao emprego das letras, os aspectos morfosintáticos, tratando a ortografia como porta de entrada para uma reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita (BRASIL, 1998, p. 85).

De acordo com o excerto, o trabalho com a escrita pode ser realizado sem que haja a preocupação excessiva com a norma padrão. As marcas da fala na escrita se mostram como manifestações recorrentes, de maneira que os professores não podem ignorar tal realidade.

Como dito anteriormente, não com o objetivo de esgotar o assunto, é necessário apresentar alguns aspectos concernentes à variação fonética, que se evidenciam na escrita, o que transcendem ao ensino básico. Segundo Simões (2003), muitos alunos chegam à universidade com problemas de escrita que deveriam ter sido solucionados no início da escolarização. No entanto, a falta de uma consciência fonológica por parte dos alunos, sobre as diferenças entre fala e escrita, somados a uma alfabetização, muitas vezes, pautada em metodologias tradicionais, além da falta de formação de muitos professores têm favorecido o fracasso no ensino da escrita, com consequências negativas para a educação brasileira.

Nesse contexto, muitos alunos acreditam ser a escrita uma reprodução fiel da fala. Esse posicionamento, conforme Câmara Jr. (1957 apud MATOS E SILVA 2003, p. 54) vai se refletir na ortografia dos alunos, evidenciando não só questões que dizem respeito à consciência fonológica, mas a própria variedade de fala deles.

## Metodologia

Nesta seção, apresentamos os procedimentos que amparam a coleta dos textos selecionados para compor a amostra.

No que diz respeito à natureza da pesquisa, trata-se de estudo exploratório conforme indica Gil (2017) com base na análise qualitativa dos fenômenos linguísticos encontrados.

Para a constituição da amostra foram selecionamos dez textos de alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Antônio Carvalho da Silva, localizada no município de Aurora do Pará/PA. A escolha da escola se deu em razão da facilidade do acesso aos textos por meio da professora responsável pela turma, a qual forneceu produções de seus alunos que puderam ser analisadas pelos autores, além de esta unidade ser a escola-sede do município.

No que tange à estrutura, a escola selecionada é de médio porte, atende em média 600 alunos, os quais estão distribuídos em 20 turmas, em três diferentes turnos: Manhã, Tarde e Noite. Em relação ao ensino, são atendidos alunos do 6º ao 9º Ano e estudantes da modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA. Além disso, os alunos dessa unidade escolar são oriundos tanto da zona urbana quanto da zona rural.

Para a coleta dos textos, selecionamos dentre as quatro turmas de 7º Ano da escola, a turma 7º Ano/C, do turno da Tarde. A escolha da turma se deu pelo fato de a professora de Português desta ter se mostrado bastante colaborativa e devido ser uma turma cujos alguns alunos são oriundos da zona rural. Acreditamos que devido morarem na zona rural, esses alunos têm menos acesso às culturas de mídia e guardam, desse modo, marcas mais evidentes de variantes não-padrão que podem ser evidenciadas em seus textos escritos. A turma em questão é composta de 42 alunos, sendo 20 meninos e 20 meninas, ambos com faixa etária de 11 a 14 anos.

Com vistas à composição do *corpus*, foram lidos 40 textos. Desse total, foram selecionadas as produções que apresentavam marcas de interferência da fala, tendo sido sinalizado em dez textos. Todos os textos foram cedidos pela professora-colaboradora e faziam parte de uma atividade por ela aplicada a qual se constituía de: os alunos liam um livro, à sua escolha, e depois faziam uma narrativa. Em seguida, foi solicitado que cada estudante criasse um outro texto.

Além dos textos, aplicamos um questionário de quatro perguntas a três professoras de português da escola para entendermos melhor como se dava a trabalho com a escrita em suas aulas, como elas tratavam a questão das marcas da oralidade com

os alunos, e como avaliavam a escrita dos alunos. A aplicação do questionário serviu para esclarecimentos sobre as possíveis posições didático-metodológicas das professoras acerca do ensino da modalidade escrita.

Desta maneira, os dez textos selecionados foram analisados e fenômenos linguísticos próprios da oralidade foram encontrados. Sobre a apresentação de tais fenômenos trata a próxima seção.

## Apresentação e discussão de resultados

Nesta seção, são apresentados os resultados encontrados na amostra relacionados à interferência de aspectos da fala presentes em textos escritos por alunos de uma turma do 7º Ano do Ensino Fundamental, com o intuito de esclarecer e ampliar o debate acerca do funcionamento do sistema grafo-fonêmico e contribuir para o entendimento deste fenômeno no âmbito do ensino. Neste sentido, foram encontrados quatro fenômenos principais, a saber: apagamento do /r/ em final de palavra, monotongação de /ow/ > /o/, juntura fonológica e ditongação, os quais estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Fenômenos encontrados na amostra analisada

| Nº | Fenômeno                    | Exemplo                 |
|----|-----------------------------|-------------------------|
| 01 | Apagamento do /r/ final     | Comer > comêØ           |
| 02 | Monotongação de /ow/ em /o/ | Pouco > poco            |
| 03 | Juntura fonológica          | De repente > derrepente |
| 04 | Ditongação                  | Fez > feiz              |

Fonte: Elaboração dos autores.

O Quadro 01 mostra o agrupamento dos quatro casos de interferência fonológica encontradas no *corpus*. Cada uma dessas ocorrências aconteceu ao menos cinco vezes nos textos analisados. Essa alta frequência, indica a produtividade desses mecanismos ainda existentes nas produções escritas de alunos de 7º Ano.

Com vistas à descrição dos resultados encontrados, a apresentação das ocorrências mantém a seguinte ordem: fenômeno encontrado na escrita; exemplificação no texto, com iniciais dos autores; breve esclarecimento. Assim, são descritos quatro fenômenos de fala.



## Apagamento do r em final de palavra

O primeiro fenômeno linguístico encontrado foi a ausência do **r** em final de palavra. As ocorrências a seguir exemplificam o fenômeno em voga. [...] *ficou muito triste e começou a **chorao**.* / [...] *um menino muito mal falava vou **matao** vocês dois.* {MJ}. [...] *ele gosta de **mandao** na gente, mais eu num vô aceita isso.* {VJN}. [...] *ela é minha vizinha e vai embora, ela vai **mudao** de cidade.* {VJ}. Em todos os exemplos listados, é possível verificar a ausência da marca do infinitivo, de modo que se tem a seguinte configuração: chorar > choraØ; matar > mataØ; mandarØ > manda e mudar > mudaØ.

A respeito do apagamento verificado, Oliveira (2006) salienta que esse fenômeno já ocorre há bastante tempo no português brasileiro. Para a autora, o apagamento do /r/, na oralidade, é produtivo e ocorre caracterizado por uma variante que indica enfraquecimento. O apagamento de fonemas em fronteira de palavra, ao longo da evolução da língua portuguesa, é conhecido por apócope (COUTINHO, 1976, p. 148): /amare/ > /amar/ > /\*amá/<sup>1</sup>. Tal fenômeno na ortografia também já havia sido identificado por Câmara Jr. (1975 apud MATOS E SILVA, 2003). Pode ser encontrado, também, nos estudos de Ferreira (2006), realizado com falantes de Aurora do Pará, nas cartas lexicais 6, 19 e 21 apresentadas pelo autor. Vale ressaltar que esse foi o fenômeno mais encontrado nos textos analisados, perfazendo um total de 23 ocorrências.

## Monotongação de /ow/ por /o/

O segundo fenômeno encontrado diz respeito ao efeito da monotongação presente sobretudo no ditongo /ow/. É possível verificar a sua manifestação nos trechos: [...] *e um certo dia um papagaio **posou** na janela da torre [...]* {VJN} e [...] *um tempo depois zezé **sobe** que zizi tinha cido [...]* {MJ}. Em ambos os casos, os estudantes realizam a monotongação do ditongo /ow/ em /o/, observando-se assim, o detrimento de sua versão canônica *pousou* e *soube*. Ainda na amostra analisada, esse fenômeno ocorreu em palavras tais como: *lousa* > *losa*; *pouco* > *poco*; *tesouro* > *tesoro*; *sou* > *sô*. Esse resultado corrobora com o estudo de Lopes (2003), no qual confirma-se forte tendência para a redução dos ditongos na região de Altamira/PA.

Segundo Aragão (2002), em estudo realizado em Fortaleza/CE, os fonemas consonantais /s, z, r/ posteriores aos ditongos favorecem à monotongação. É o caso do primeiro exemplo. Todavia, em outros contextos é possível, como antes das bilabiais /p, b/ em palavras como *soube* e *pouco*, a realização da monotongação. Nesse contexto,

---

<sup>1</sup> Representa uma possível representação ortográfica da palavra, futuramente.

o estudo de Oliveira (2006) confirma a realização da monotongação em escritos de alunos de séries iniciais.

## Juntura fonológica

O fenômeno menos produtivo da amostra analisada foi a juntura, com apenas uma aparição: [...] uma tempestade muito forte e *derrepente* apareceram. {JS}. Neste exemplo, percebe-se a junção de dois segmentos, quais sejam *de + repente* (*derrepente*).

A juntura é o processo fonológico em que há uma tendência a unir formas mínimas dentro de um mesmo vocábulo ou entre dois vocábulos diferentes, em um mesmo grupo de força, como afirma Câmara Jr. (1984). Esse fenômeno ocorre quando a criança promove a junção de sílabas em palavras ou palavras em frases. Bortoni-Ricardo e Souza (2008) afirmam que no fluxo da fala algumas palavras ou sílabas tendem a se unir em grupos de forças formando o vocábulo fonológico. Influenciados pela forma como falam ou leem certas palavras, as crianças tendem a grafar essa característica na escrita, a exemplo de: *apartir* por *a partir*, *udia* por *o dia*, *porisso* por *por isso* etc. A manifestação do fenômeno da juntura é mais comum nas séries iniciais conforme atesta Imaguire (1998). Para essa autora, a locução adverbial *de repente* é considerada a mais suscetível a esse fenômeno, tornando-se assim, a mais produtiva. Como dito anteriormente, nos textos analisados, foi encontrada apenas uma ocorrência.

## Ditongação

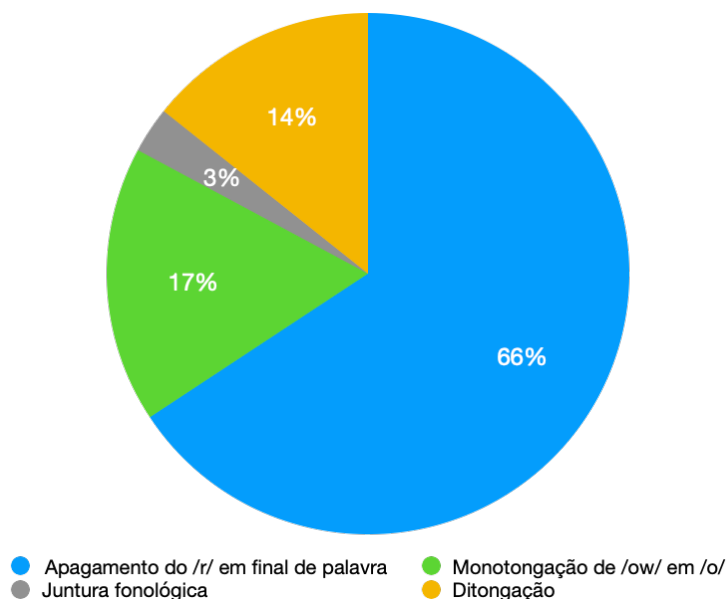
O último fenômeno encontrado foi a ditongação, como é possível observar nos seguintes exemplos: [...] *sou aquela que muitos jugam, **mais** poucos conhecem*. {FSS} *e[...] imediatamente foi pedir ajuda, **mais** não teve ajuda*. {JS}. Nas duas ocorrências listadas, percebe-se a transformação da vogal em um ditongo, além de casos como *fez>feiz*, *aliás> aliáis* e *advogado > adevogado*, perfazendo o total de cinco diferentes exemplos.

Para Aragão (2002), a ditongação, ao que tudo indica, é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas. A autora a define como a transformação de uma vogal em ditongo: um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, isto é, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior de uma semivogal em posição pré ou pós-vocálica. Câmara Jr (2004 apud MOTA, 2010), explica que a ditongação diante da chiante na mesma sílaba é muito generalizada na língua portuguesa escrita e que ocorre ultracorreção da conjunção 'mas' para o advérbio 'mais'. Tal aspecto decorre do fato de o aluno sentir, perceber o [a] ditongado. A questão da ditongação é comum em palavras oxítonas cujas vogais

antecedem as variantes de <s> conforme sinalizam Aragão (2002) e Mota (2010). Nos textos analisados, foi recorrente a ditongação no vocábulo **mas**.

O Gráfico 1 apresenta a síntese dos resultados obtidos na composição da amostra selecionada no que tange aos fenômenos de interferência fonológica.

Gráfico 1 – Sínteses dos fenômenos encontrados



Fonte: Elaboração dos autores.

Os dados dispostos no Gráfico 1 mostram que o fenômeno mais produtivo foi o apagamento do /r/ final com 66% das ocorrências, equivalente a 23 casos. Em seguida, com 17% aparece a monotongação de /ow/ em /o/, o correspondente a 06 exemplos. O terceiro fenômeno que mais ocorreu foi a ditongação com 14%, em números absolutos, e, por fim, a juntura com 3% relativo a uma ocorrência.

Tendo em vista os dados analisados, verifica-se que a produtividade de tais fenômenos em textos de alunos de 7º Ano não é um elemento comum, pois supõe-se que nessa etapa do período de escolarização, o aluno já tenha passado por momentos que visam a verificação ortográfica. Porém, o que se percebe são estudantes que ainda manifestam em seus textos fragilidades em relação a esse tópico do ensino. Neste sentido, faz-se necessário observar o ponto de vista dos professores envolvidos na tarefa de conduzir o aluno na eficácia de sua escrita. Sobre esse posicionamento, descreve-se a seguir, o que dizem os profissionais que acompanham os alunos da amostra.

## A escrita e o que faz a escola

Com vistas ao melhor entendimento do fenômeno em tela, discutimos anteriormente sobre o papel da escola em relação ao ensino da escrita. Nesta seção, a partir das perguntas feitas às professoras, apresentamos como tem sido realizado o trabalho na escola acerca dessa temática. Os primeiros questionamentos foram: *Você faz atividades de produção textual com seus alunos? Quanto tempo você reserva de suas aulas para isso e como é feita?* Em relação as essas perguntas todas as profissionais responderam que frequentemente realizam atividades de escrita com os alunos, em dupla e individualmente.

*Ao avaliar a escrita dos alunos o que mais leva em consideração?* A essa pergunta, obtivemos respostas parecidas de duas professoras que afirmaram levar mais em conta aspectos relacionados ao encadeamento das ideias e aquilo que os alunos são capazes de construir. Para elas, os aspectos gramaticais ficam em segundo plano, visto acreditarem que com a prática os alunos irão se apropriando deles. Somente uma professora disse levar mais em consideração questões gramaticais, sobretudo, as ortográficas. Ao responderam à questão: *Quando corrige os textos dos alunos, você percebe marcas de oralidade? A que você atribui a presença dessas marcas no texto?* Todas disseram perceber tais marcas e as atribuem à forma de falar dos alunos. Como justificativa, as professoras procuram esclarecer os alunos evidenciando diferenças entre como se fala e como se escreve. A resposta dessa questão acabou sendo válida para a pergunta seguinte: *O que você faz para auxiliar os alunos quando percebe em seus textos marcas de oralidade?*

As respostas das professoras corroboram as afirmações de Koch e Elias (2009) sobre a paciência que deve ter o professor para auxiliar os alunos em relação às diferenças entre fala e escrita, posto que se trata de um aprendizado lento que pode durar toda a trajetória escolar. O fato de, mesmo no sétimo ano, alunos ainda evidenciarem em suas escritas fenômenos da fala pode confirmar isso. E mais, apontam para uma possível mudança de postura dos professores em relação ao ensino de português ressaltados por Salim e Silva (2005).

## Considerações finais

A motivação para a realização deste estudo surgiu a partir de um ponto principal, qual seja: a verificação da interferência de fatores da oralidade em produções escritas de alunos do que cursam o ensino fundamental. Dessa verificação, listamos quatro fenômenos observados nos textos produzidos pelos alunos mencionados: apagamento

do /r/ final, monotongação de /ow/ em /o/, junctura fonológica e ditongação. Desses elementos, o mais recorrente da amostra foi a ausência do r, sobretudo nos casos que indicam o infinitivo dos verbos. Por sua vez, a junctura foi o fenômeno menos produtivo.

Neste processo, é relevante considerar a variação linguística e as consequências de sua aparição no ensino de língua. Com esse conhecimento, tanto a escola quanto o professor podem auxiliar seus alunos, evitando apenas a valorização de ordem normativa. Segundo Salim e Silva (2005), a consciência desse fator implica em não cometer dois equívocos: avaliar somente o que denominam “erro” de português, que na verdade, configura apenas um desvio ortográfico influenciado pela fala e o outro de ‘achar’ que assim formarão bons escreventes.

A respeito do contato com a modalidade escrita da língua, entende-se que se faz necessário conscientizar o aluno das peculiaridades da situação de produção escrita e das exigências e recursos que lhe são próprios. Isto é, quando da aquisição da escrita, a criança necessita, aos poucos, conscientizar-se dos recursos que são prototípicos da oralidade e perceber que, por vezes, não são adequados ao texto escrito. No entanto, essa tomada de consciência não acontece de um momento para outro, levando, por vezes, anos a fio, como afirmam Koch e Elias (2009), ou até a vida toda, conforme declara Bortoni-Ricardo (2006 apud MOTA, 2010, p. 107).

Portanto, se queremos que os alunos escrevam com eficácia, é necessário fazê-los experimentar isso na escola. É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem – os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas – quanto com a linguagem escrita – os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que, tão logo o aluno chegue à escola, seja conduzido a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como for possível, mesmo que não o faça convencionalmente.

## Referências

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARAGÃO, M. do S. S. de A. **Ditongação x monotongação no falar de fortaleza**. 2002. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>>. Acesso em: 01 jan. de 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, M. A. F. de. **Falar, ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

D'ARC, J. **Difusão lexical na vibrante final**. Dissertação (Mestrado) – LETRAS/UFRJ, 1992.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. 15ª Ed. São Paulo: Cutrix, 1997.

FERREIRA, J. É. Q. **Os falares de Aurora e Marajó/PA e Santo Augusto/RS**: um estudo descritivo comparativo. 2006. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2006.

IMAGUIRE, L. M. C. **Abordagem de erros de segmentação e juntura de palavras em crianças das quatro primeiras séries do primeiro grau**: investigação linguística. 1998. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(11\)80-89.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(11)80-89.html)>. Acesso em: 01 dez. 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, R. A realização dos ditongos [ɔw] e [ej] no português falado em Altamira/PA. In: RAZKY, A. (Org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

MASIP, V. **Fonologia e ortografia portuguesa**: um curso para alfabetizadores. São Paulo: E.P.U, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino de português**: a língua que se fala x a língua que se ensina. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, J. A. Geolinguística e Ensino: contribuições do ALIB. In: RAMOS, C. de M. de A. *et al.* (Orgs.). **Pelos Caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. São Luis: EDUFMA, 2010.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, A. M. de. **Inserção e apagamento de [w] em posição de coda**: uma análise pela Geometria de Traço. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M. B de. **Manutenção e apagamento do /r/ final de vocábulo na fala de Itaituba**. 2001. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

SALIM, M. das G. A.; SILVA, M. do P. S. C. da. **Linguística Textual e análise do discurso**. Módulo IV. Caderno de Estudos. Belém: UNAMA, 2005.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.